

---

# Sumário



<b>YVES LACOSTE</b>	
Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês .....	7
<b>JEAN-MARIE LE BRETON</b>	
Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês .....	12
<b>ENTREVISTA COM HÉLÈNE GADRIOT-RENARD</b>	
O inglês: <i>lingua franca</i> das instituições internacionais .....	27
<b>FRÉDÉRIC DOUZET</b>	
O pesadelo hispânico de Samuel Huntington .....	33
<b>DAVID LOPEZ E VANESA ESTRADA</b>	
A ameaça hispânica: o espanhol ameaça o inglês dos Estados Unidos? .....	56
<b>ANNIE MONTAUT</b>	
O inglês na Índia e o lugar da elite no projeto nacional .....	65
<b>PHILIPPE SÉBILLE-LOPEZ</b>	
Os britânicos e a língua inglesa na África em geral e na Nigéria em particular .....	94
<b>ENTREVISTA COM PHILIPPE GERVAIS-LAMBONY</b>	
A África do Sul é anglófona? .....	111
<b>DELPHINE PAPIN</b>	
O inglês e as minorias étnicas no Reino Unido .....	116
<b>RÉMI GIBLIN</b>	
O inglês por meio da música .....	127
<b>PIERRE BIPLAN</b>	
O esperanto dos negócios .....	133
<b>KANAVILLIL RAJAGOPALAN</b>	
A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil .....	135

## Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês

**P**or geopolítica, todos sabemos, entende-se toda rivalidade de poderes (e de influências) sobre territórios. A abordagem geopolítica de uma língua não se limita a examinar no mapa o alcance de sua extensão e seus limites com outras línguas, a constatar a coincidência (ou a não-coincidência) com as fronteiras desse ou daquele Estado. Além disso, é bem raro que uma língua oficial seja a única a ser escrita e falada pela população de um Estado. Com efeito, em cada Estado, há também outras línguas que ali são faladas de fato (e não necessariamente escritas) por grupos mais ou menos importantes, cuja localização suscita, ela também, numerosos problemas.

Há séculos, a difusão de uma língua em determinados territórios em detrimento das línguas que até então eram faladas ali traduz rivalidades de poderes nesses territórios. Foi o que se deu na construção dos Estados-nação e na propagação, em cada um deles, de sua língua nacional, em detrimento do que hoje se classifica como “línguas regionais” e que são os falares de antigos conjuntos geopolíticos. Na época colonial, a língua de cada uma das potências colonizadoras se propagou, mais ou menos, entre as populações que ela dominava, freqüentemente com o auxílio das classes sociais que participavam ativamente do processo de modernização forçada que foi a colonização. Mas em cada um dos territórios coloniais, hoje transformados em Estados independentes, as línguas autóctones se mantiveram em maior ou menor grau, mesmo que a língua do ex-colonizador tenha permanecido como língua oficial.

Em nossos dias, aquilo que podemos chamar de neo-imperialismo não tem mais necessidade de conquistar territórios para exercer sua dominação

econômica e cultural. Isso vale sobretudo para aquela que se tornou a hiperpotência, a América (ou mais exatamente os Estados Unidos da América). Ocorre que, por ser antiga herança colonial, sua língua é o inglês, a língua que também é a oficial em vários dos países que foram colonizados pelos britânicos. Em acréscimo, de algumas décadas para cá, o inglês também se propaga no plano mundial como a língua da globalização, bem como a língua da União Européia, que engloba cerca de trinta Estados de línguas diferentes e que tem necessidade de uma língua comum, ao menos em meio às categorias sociais mais “globalizadas” de sua população.

A análise geopolítica de uma língua como o inglês, diante do próprio fato de sua globalização, exige considerar os problemas em diferentes níveis de análise espacial: não apenas no nível planetário, mas também no quadro dos Estados de maior ou menor envergadura, sem negligenciar os casos de regiões relativamente pequenas, como a de Montréal, no Québec, onde as relações entre anglófonos e francófonos são particularmente complexas. O apego dos quebequenses a sua língua não é um caso excepcional (ainda que a maioria dos franceses da França não se preocupe muito com o destino de sua língua). A paixão que a maioria dos grupos que se consideram minoritários manifesta atualmente por sua língua, para a qual reivindicam reconhecimento e desenvolvimento, traduz um fenômeno mais geral. Ora, isso se combina com a extensão progressiva do inglês, como língua de ascensão, de prestígio ou língua da moda, fenômeno que se passa também em todos os países que não são oficialmente anglófonos. Poder-se-ia falar de difusão espontânea, reforçada pela intensificação do ensino do inglês, oficial ou privado.

Essa difusão mundial do inglês leva-nos a nos interrogar sobre suas causas profundas e, antes de tudo, de modo retrospectivo, sobre os fatores de sua implantação nas colônias britânicas. Geralmente se invocam as autoridades coloniais, que teriam buscado impor sistematicamente o uso do inglês, como efetivamente ocorreu nas colônias francesas e nas colônias do império russo. Ora, diferentemente das colônias conquistadas pelo exército francês, muitas dentre as colônias britânicas foram inicialmente, e isso até a metade do século XIX, colônias “privadas”, as chamadas “colônias por decreto”, ou seja, cada uma era o domínio concedido pela Coroa a uma companhia privada, que passava a deter o monopólio de todas as atividades comerciais destinadas à exportação naquele território. Esse foi especialmente o caso da famosa Companhia das Índias, até 1858. Tais com-

panhias geralmente não tinham a preocupação de desenvolver o ensino e de pagar professores primários em seus domínios. Essa atividade, ao menos na África, foi assumida, com motivações religiosas, por um grande número de missões. Mas nas colônias britânicas, tratava-se de missões protestantes que, diferentemente das católicas, tinham como preocupação primeira converter e ensinar cada povo nativo em sua própria língua. Para tanto, elas traduziram o Antigo e o Novo Testamento em múltiplas línguas, a exemplo de Lutero, que foi o primeiro a traduzir a Bíblia para o alemão. Durante muito tempo, a atividade dessas missões não foi apenas ensinar o inglês.

Mas é preciso levar em conta que a colonização inglesa que o sistema de “governo indireto” praticava apoiava-se em notáveis autóctones, que tinham numerosos contatos com os europeus. Para esses notáveis, a utilização do inglês era um privilégio de classe e um fator de ascensão no dispositivo da colonização. É preciso ainda levar em consideração que os ingleses aplicaram no além-mar aquela que foi desde o século XVIII uma de suas características específicas, tanto no plano político como no cultural: a importância conferida aos jornais e o respeito à liberdade de imprensa. Diferentemente das colônias francesas da África tropical, que só vieram a ter jornais de verdade depois da Segunda Guerra Mundial, as colônias inglesas viram a criação de jornais desde o início do século XIX, inicialmente por europeus, depois por africanos e sobretudo por indianos, que escreviam e publicavam em inglês. Esses jornais, que quase sempre se transformarão em órgãos de oposição, desempenharam um importante papel na formação de movimentos de reivindicação nacional.

A classe de notáveis autóctones e de seus filhos formados à inglesa, uma vez bem asseguradas as vantagens imobiliárias que eles haviam obtido da colonização, voltaram-se contra os colonizadores para dirigir diretamente seu próprio país e se juntaram nos movimentos pela independência impulsionados pelos jornalistas e por seus leitores, eles mesmos intermediários de diferentes tipos entre os colonizadores e a massa da população. As reivindicações pela independência foram, em grande parte, expressas em inglês e, nos aparelhos de Estado que se tornaram independentes, os quadros que falavam inglês entre si para superar a diversidade de suas línguas maternas cuidaram para que a difusão da língua dos antigos colonizadores aumentasse.

Em nossos dias, a difusão mundial do inglês, especialmente nos grandes Estados que evidentemente nunca fizeram parte da Comunidade Britânica

das Nações (a Commonwealth), não procede essencialmente da Grã-Bretanha, mas, em grande medida, da influência direta e indireta dos Estados Unidos. O fato de o inglês ser a sua língua parece ponto pacífico, como uma herança lógica da colonização britânica e da quase-extinção dos povos autóctones. A esse propósito, podemos ainda notar que os anglófonos são apenas uma pequena parcela dos grupos populacionais que irão povoar aquele país. No século XIX, nas primeiras décadas da União americana, o número de alemães era tamanho que se chegou a questionar se a língua oficial deveria ser o inglês ou o alemão. Desde 1980, o Escritório Federal do Censo inclui em seu questionário uma pergunta sobre a ascendência étnica. Em 2000, quatro quintos da população responderam, e os que se declararam de ascendência alemã são, de longe, os mais numerosos — 42,8 milhões (mas seu número diminuiu 15 milhões em dez anos) — e eles estão em primeiro lugar em 23 dos 50 estados: em todos os estados do Meio-Oeste, na maioria dos estados do Oeste, na Pensilvânia, na Flórida. 30 milhões declararam-se irlandeses; 25 milhões, afro-americanos... os americanos que se declaram de ascendência inglesa não passam de 24 milhões; os de ascendência francesa não passam de 8,3 milhões. *Grosso modo*, o *melting-pot* funcionou bem, a não ser pelo fato de que, em algumas cidades, várias comunidades se agrupam em bairros mais ou menos separados.

É especialmente depois do fim da Segunda Guerra Mundial que a influência política e cultural dos Estados Unidos se propagou, inicialmente na Europa Ocidental. Isso se traduziu, com mais ou menos defasagem, na difusão do inglês. O plano Marshall forneceu diversos aparelhos mecânicos que ainda não eram conhecidos na Europa, cujo nome permaneceu americano, como por exemplo “bulldozer”\*, e foi necessário um mínimo de familiaridade com o inglês para ler as instruções de manutenção e de manuseio de peças de reposição. Depois as empresas americanas abriram fábricas na Europa (e de fato elas constituíram a segunda indústria mundial), e os quadros europeus tiveram de “aprender inglês”. No campo da aviação, todos os pilotos do mundo falam mais ou menos inglês para conversar com as torres de controle de diferentes países, assim como o pessoal das companhias aéreas, para falar com passageiros vindos de outros países. O formidável desenvolvimento do turismo (doravante, a mais importante atividade mundial, pela cifra de negócios que atinge) tornou-se um dos grandes motores de difusão mundial do inglês.

---

\* Equipamento de terraplenagem que compreende um trator de lagarta (‘correia’) equipado com lâmina frontal de aço reforçada e perpendicular ao chão, usado para escavar e empuxar terra e qualquer outro material; trator de lâmina [n. do T.].

O fato de, no período entre as duas guerras, numerosos pesquisadores e intelectuais judeus perseguidos na Alemanha terem encontrado refúgio do lado de cá do Atlântico explica, em grande parte, o considerável desenvolvimento tecnológico e científico dos Estados Unidos. O número de prêmios Nobel de origem europeia e a notoriedade dos laboratórios que eles fundaram, graças a diversos tipos de financiamentos privados, são fatores de atração para os cientistas europeus. São sobretudo americanas as ciências informáticas, que foram subvencionadas por vultosas encomendas militares, e elas estão na origem da internet. Para seguir esse movimento e dele participar, é preciso falar inglês. Tanto na área da administração como na do jornalismo, os filhos de famílias abastadas querem completar seus estudos superiores fazendo um estágio em alguma universidade americana.

A mundialização do inglês americano se faz também indiretamente por meio de uma série de fenômenos culturais mais ou menos associados uns aos outros: pelo cinema americano, apesar de a maior parte dos filmes exportados pelos EUA serem dublados na língua do país de importação, e especialmente pela enorme massa de produções musicais que são, dia e noite, difundidas por emissoras de rádio e de televisão do mundo inteiro. A língua do *rock* é o inglês, seja ele cantado por franceses, japoneses ou russos, e pouco importa que o sentido das palavras não seja compreendido. Ele contribui para manter na moda tudo o que é americano. E tudo isso tem conseqüências geopolíticas e participa das rivalidades de poderes e de influências em nível mundial e no quadro de todos os países. O paradoxo — que é sobretudo geopolítico — é que o papel e a influência dos Estados Unidos nunca foram tão grandes e nunca o antiamericanismo se exprimiu tão claramente na opinião pública de todos os países. Se os atentados de 11 de setembro scandalizaram os meios intelectuais, por outro lado, suscitaram uma certa satisfação (“bem feito para eles”) nos meios populares de numerosos países, da Ásia e da América Latina especialmente, e mais ainda no mundo muçulmano. A guerra do Iraque, evidentemente, em nada diminuiu esse antiamericanismo, assim como não conseguiu frear minimamente a moda de seguir tudo o que seja americano.